

EDITORIAL

Imaculada Kangussu

A presença de um impulso erótico no ser humano – de acordo com Freud – fornece a Marcuse o fundamento da crença na possibilidade de libertação do que é oferecido como realidade opressiva, regida por repressão e recalque das pulsões. Por haver algo que pulsa em direção ao encontro com unidades de vida cada vez mais amplo – na direção oposta da dissolução dos laços afetivos –, Marcuse mantém-se fiel à ideia de uma subjetividade capaz de rebelar-se e sobreviver contra as forças de Thanatos.

Embora as condições materiais para libertação do ser humano da estrutura de dominação e exploração há muito em curso existam de fato, Marcuse percebe a crescente impotência e ineficácia da crítica às formas predominantes de organização da vida. As acusações são absorvidas, encontram aplausos e acolhimento em nichos de mercado no próprio sistema que acusam. A assimilação progressiva de qualquer posição contestadora leva a cultura a perceber a necessidade de quebrar o encanto produzido pela padronização e pelas falsas promessas de inclusão no poder vencedor.

Nessa luta, Marcuse aposta em Eros. A pulsão erótica preserva o conteúdo material da liberdade e se revolta contra as tentativas de submetê-la a formas compatíveis com a ordem repressora. Ainda que Eros seja apolítico, ou não imediatamente político, é fácil perceber sua comunhão com a mais radical das metas políticas, com a libertação. Conforme, por exemplo, pode-se perceber nos versos de Aragon escritos na década de 1940, durante a Resistência francesa:

*Mas si, Parlez d'amour encore et qu'amour rime
Avec jour avec âme ou rien du tout parlez
Parlez d'amour car tout le reste est crime*

*Sim, Falem de amor ainda e que amor rime
Com dia com alma ou nada de nada falem
Falem de amor pois todo o resto é crime*

De Platão a Bataille e além, as teorias sobre erotismo implicam sempre a ação de sair de si, o êxtase, a “mania” grega, o rompimento e a ultrapassagem do princípio de individuação. Nesse movimento, Eros encontra-se com a arte, também agente produtora de arrebatamento. E em Eros, arte e política encontram seu denominador comum.

“Hoje a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta *política*”, escreve Marcuse (itálico dele), no Prefácio de 1966 a seu livro *Eros e Civilização*, mais de uma década depois da primeira publicação do texto. Pulando mais algumas décadas, agora, quando a pandemia desmascara a necropolítica regente, parece ainda mais urgente lutar por e com Eros.

Este número *Das Questões*, denominado **Eros, a partir de Herbert Marcuse**, é composto por doze artigos relacionados ao tema em diversos e distintos níveis. O primeiro texto, “A política de Eros”, foi-nos gentilmente cedido pelo autor, Andrew Feenberg, e também gentilmente traduzido por Diego Aurélio Vianna Kelly para essa edição. O original, “The Politics of Eros”, é o quarto capítulo de *Marcuse, Phenomenology and Praxis*, no prelo. O foco do texto é a ligação entre a filosofia de Marx e Freud realizada por Marcuse, em *Eros e Civilização*, destacada como a mais influente do movimento que já foi chamado de “freudo-marxismo”. Feenberg salienta que Marcuse incorpora versões teoricamente mais sofisticadas do marxismo, e também de Freud, fazendo justiça ao pensamento de ambos. A ênfase nas potências de Eros oferece reforços na luta por um mundo melhor. Nas palavras de Feenberg, “ele [Marcuse] é, verdadeiramente, um dos teóricos mais importantes desta luta.”

“O efeito Eros”, título do segundo texto, é também o nome da teoria - desenvolvida pelo sociólogo estadunidense George Katsiaficas – voltada à reflexão sobre o caráter pulsional percebido em movimentos sociais, destacando neles a presença de uma espécie de núcleo duro fundado na “necessidade instintiva de liberdade”. Katsiaficas faz uma breve apresentação das teorias tradicionais relativas a movimentos populares com intuito de revelar seus vieses antidemocráticos que serão abandonados em favor de interpretações ligadas ao impulso erótico. Originalmente em inglês, o texto foi gentilmente traduzido por Nunes de Assis.

“A promessa de felicidade: o Eros Político de Marcuse” está apresentado no original, “La Promesse du Bonheur: Marcuse’s Political Eros”. Nesse ensaio, Charles Reitz apresenta o ecosocialismo como a forma estética da felicidade no âmbito político do bem-estar social. A percepção de Sthendal da beleza como promessa de felicidade ecoa nas

relações com a natureza. Reitz destaca, em *Eros e Civilização*, a posição do poder sensorial da beleza como aliado dos instintos eróticos e observa como Marcuse reitera, em *A dimensão estética*, tanto a qualidade erótica da beleza quanto sua forma mais sublimada: o Eros político.

Também está no original o quarto texto deste número *Das Questões*. Em “Eros y las imagenes de feminidad em la cultura”, Berenice Amador Saavedra mostra as relações entre a luta por igualdade política com as lutas feministas. O texto ressalta a aposta e Marcuse em Eros contra Thanatos nessas lutas. O potencial emancipatório que podem ter as imagens femininas ligadas à fantasia e a Eros podem levar a novas produções culturais dessas imagens. De acordo com a autora, na potência da imagem do feminino pode estar contido “o germe da libertação”.

“A sonoridade de Eros no Blues clássico de Bessie Smith” também versa sobre Eros no feminino. Nathalia Nascimento Barroso apresenta a possibilidade de mudanças sociais serem provocadas através da dimensão estética, tendo como estudo de caso as canções de Blues cantadas por mulheres, especificamente por Bessie Smith. A estética de Marcuse desenvolvida em *Eros e Civilização*, *Ensaio sobre a libertação* e *A dimensão estética* fornecem o aparato conceitual necessário à reflexão sobre a potência persuasiva da música no corpo e na alma (soul) de quem ouve.

Fabiana Vieira da Costa, autora do texto seguinte, também nos traz uma perspectiva feminista. “Erotismo e libertação” investiga a dimensão erótica como fonte de resistência e de libertação através das relações traçadas entre corpo e Eros, amor e política. À filosofia de Marcuse, a autora acrescenta reflexões desenvolvidas por Audre Lord e bell hooks a respeito da necessidade da experiência interior – para além dos moldes universalizantes em curso – capaz de trazer à tona uma capacidade de resistência com vistas à liberdade.

O texto seguinte, “Para além de Freud e Marx – por uma sociedade livre” retoma o diálogo de Marcuse com Freud para ultrapassar a condenação do processo civilizatório à infelicidade e considerar a adoção de formas sociais menos repressivas. Cibele Saraiva Kunz revela como, a partir de Schiller, tendo como base o jogo e a arte, Marcuse recorre aos chamados “socialistas utópicos” e se propõe a “passar de Marx a Fourier”.

“A luta entre Eros e Thanatos”, artigo escrito por Daniel Brumano, também traz as relações do pensamento de Marcuse com a metapsicologia freudiana. O artigo apresenta

a disputa entre as duas pulsões nomeadas por Freud trazendo, em primeiro lugar, a teoria freudiana das pulsões e, na sequência, a interpretação, realizada por Marcuse, dessa teoria, presente sobretudo em *Eros e Civilização*. Fica claro como a manipulação das pulsões primárias pelos sistemas de poder em curso pode levar ao que La Boétie denomina de “servidão voluntária”.

O texto seguinte, “Pulsão, capitalismo destrutivo e ecologia”, de Gabriel Dias, desenvolve a hipótese de Marcuse segundo a qual nas sociedades industriais avançadas predomina uma estrutura de caráter destrutiva, com as forças de Thanatos sobrepondo-se às de Eros. Tal predominância se faz visível nos processos de destruição do meio-ambiente e da natureza – da humana inclusive. Distintamente, a energia erótica pode contribuir para o cuidado e a proteção de seres vivos. E quando investida em movimentos ecológicos adquire poder político capaz de projetar mudanças radicais na sociedade.

Em “A fantasia em Marcuse como abertura emancipatória”, Maria Clare Togeiro parte da consideração da bidimensionalidade como algo obsoleto – que alimenta algumas das críticas a Marcuse, sobretudo a *Eros e Civilização*, e enfrenta essas “acusações” mostrando como, no pensamento do filósofo, as relações entre instâncias aparentemente bidimensionais são mediadas pelas fantasias criando uma tensão permanente, evitando a dominação do todo por uma das partes e abrindo possibilidades de transformações.

Sofia Andrade Machado participa desta edição *Das Questões* com o ensaio sobre “Morte do leiteiro: leitura de um poema de Drummond a partir da estética de Marcuse”. A autora observa as afinidades entre a proposta de reformulação da estética marxista a partir da crítica ao marxismo ortodoxo, desenvolvida por Marcuse e por outros pensadores da Teoria Crítica, com as produções artístico-literárias da fase madura do Modernismo Brasileiro, quando já existia uma estética nacional consolidada figurada exemplarmente na poesia de escolhida de Carlos Drummond de Andrade.

Fecham esse número reflexões sobre o filme “*Fonte da vida*, de Daren Aronofsky”, escrito por Mateus José Lannes Tolentino. O artigo submetido ao fluxo contínuo da revista relaciona-se fortemente com Eros: apesar de não haver menção à divindade grega, o escrito trata da fonte da vida e seus mistérios – sobretudo o da morte.

A todo mundo desejamos boas leituras!!